

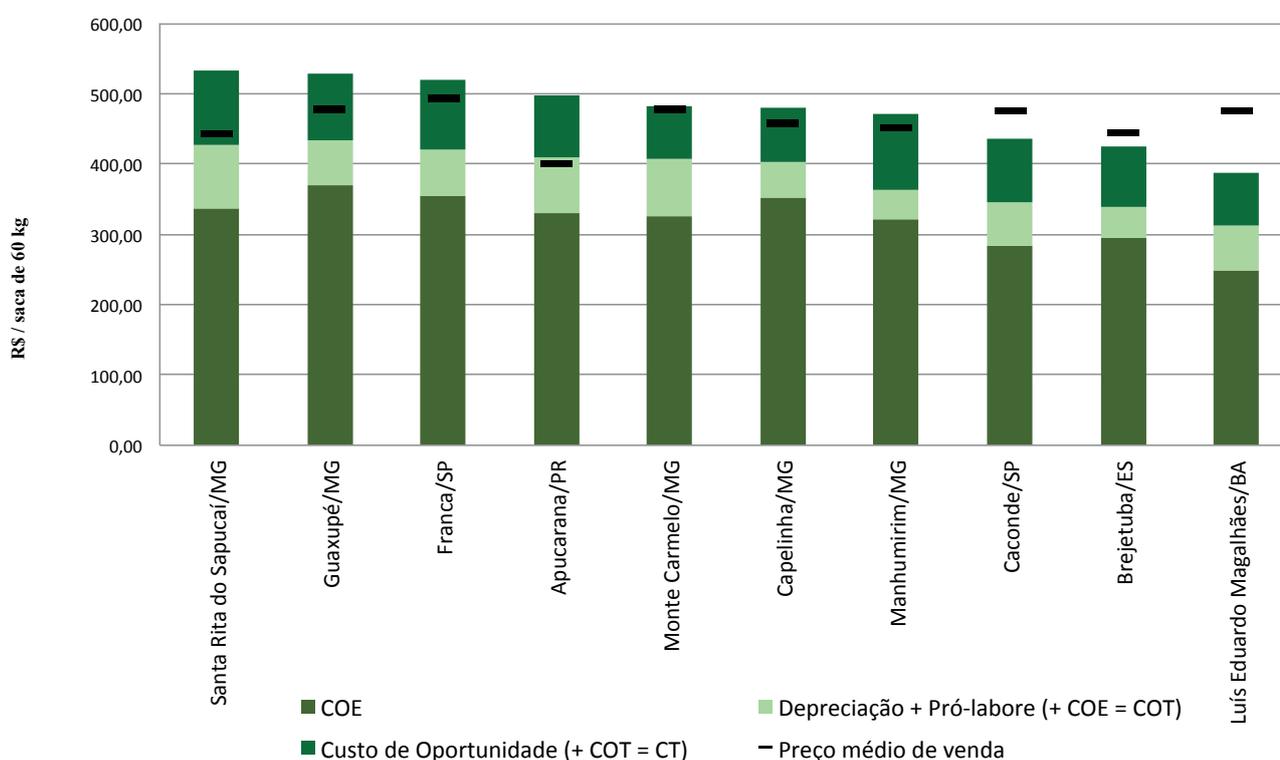
Preços atuais possibilitam renovação da capacidade produtiva do *Coffea arabica*

Os preços de venda do *Coffea arabica* estão em patamares elevados frente às últimas safras. Entre agosto do ano passado e agosto deste ano, houve uma alta de 8,57% na média ponderada do preço pago ao produtor nas regiões acompanhadas pelo Projeto Campo Futuro. No último mês, a saca de 60 quilogramas foi comercializada por R\$ 464,13, o que representa a média ponderada do preço pago em cada município considerando as classificações física (classificação por tipo) e sensorial (classificação quanto à bebida). Durante os painéis de levantamento de dados, foram estimados os percentuais dos diferentes tipos e bebidas produzidos.

A análise econômica demonstra que houve lucro supernormal em três dos dez municípios avaliados sendo eles Caconde (SP), Brejetuba (ES) e Luís Eduardo Magalhães (BA). Em Capelinha (MG), Franca (SP), Guaxupé (MG), Manhumirim (MG), Monte Carmelo (MG) e Santa Rita do Sapucaí (MG), a receita bruta auferida foi inferior ao Custo Total (CT)¹, porém superou o Custo Operacional Total (COT)², como se observa no Gráfico 1. Em Apucarana (PR) o preço não foi suficiente para cobrir o COT. Nesse cenário, apenas o município paranaense não teria condições de renovar sua capacidade produtiva em longo prazo.

Em média, houve um prejuízo de R\$ 18,81/saca na cafeicultura de *C. arabica* em agosto de 2016. Em Apucarana (PR), o prejuízo foi de R\$ 96,35/saca, enquanto em Luís Eduardo Magalhães (BA) houve lucro de R\$ 89,21/saca. A Margem Líquida (ML)³ ficou positiva em R\$ 71,29/saca, em média. Apenas em Apucarana (PR) ela foi negativa (-R\$ 8,05/saca). Já a Margem Bruta (MB)⁴ ficou positiva em R\$ 136,79/saca. Analisando a ML e a MB por área, essas ficaram em R\$ 4.787,02/hectare e R\$ 2.541,05/hectare, respectivamente. Os dados de custos e receita bruta estão discriminados nos Gráficos 1 e 2.

Gráfico 1: Custos e preços de venda médios da cafeicultura em agosto/16 (Reais por saca)



Fonte: Projeto Campo Futuro | Elaboração: CIM/UFLA

¹ O CT compreende a soma entre o Custo Operacional Total (COT) e os custos de oportunidade do Capital Circulante Próprio e dos Bens de Capital (taxa de juros de 6% ao ano) e da Terra (valor de arrendamento).

² O COT resulta da soma entre o Custo Operacional Efetivo (COE), depreciações e pró-labore. O COE é composto por todos os desembolsos efetivamente realizados em um ano agrícola.

³ A ML resulta da subtração entre receita bruta e COT.

⁴ A MB resulta da subtração entre receita bruta e COE.

Receitas superiores ao CT indicam que, além de cobrir os custos operacionais, o produtor alcança uma remuneração superior aos custos de oportunidade. Nessa situação o negócio apresenta lucro “supernormal”. Quando a receita é igual ao CT, a remuneração da atividade

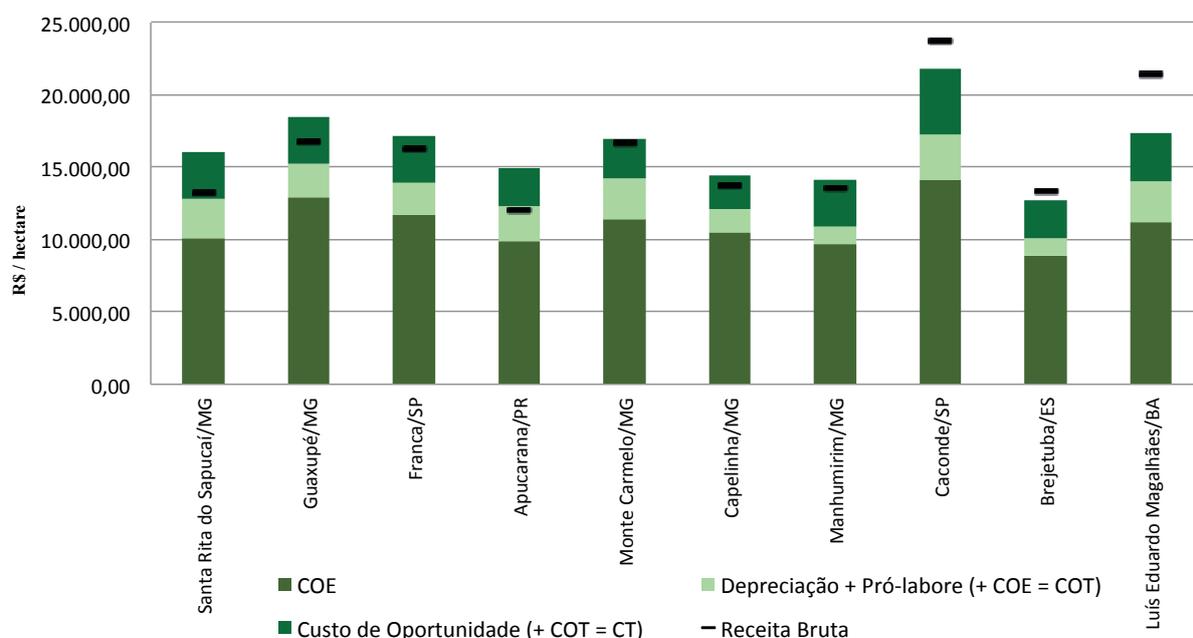
atual é igual à de atividades alternativas e o lucro é denominado “normal”.

Se a receita for inferior ao COT, mas superior ao Custo Operacional Efetivo (COE), o produtor se encontra em processo de “descapitalização”. Em

longo prazo não haverá a renovação de sua capacidade produtiva.

E quando a receita não cobre o COE a atividade é considerada “subsidiada”, pois há a necessidade de utilizar recursos provenientes de outras atividades para o pagamento dos fatores de produção.

Gráfico 2: Custos e receita bruta da cafeicultura em agosto/16
(Reais por hectare)



Fonte: Projeto Campo Futuro | Elaboração: CIM/UFLA

Impactos da redução na produção sobre o COT da cafeicultura em Jaguaré (ES) e Itabela (BA)

A terceira estimativa de produção da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a safra de *Coffea canephora* no Espírito Santo e na Bahia indica redução na produção da espécie. Os problemas meteorológicos, que incidiram sobre as regiões produtoras desses estados na safra 2015/2016, são as principais causas desse cenário.

A estimativa de redução na produção de café no Espírito Santo, tanto *Coffea canephora* como *C. arabica*, foi de 14,5% em relação à safra anterior. Segundo a Conab, em 2016 o estado contribuiu com 18,42% das 49,64 milhões de sacas da produção brasileira. Já na Bahia, a redução na produção em 2016 foi de 10,7% e a produção baiana contribuiu com 4,22% da produção nacional. As reduções na produção de *C. canephora* influenciaram estes resultados, já que a produção de *C. arabica* nesses estados aumentou 28,2% e 9,2%, respectivamente.

Ao contrastar as estimativas do primeiro levantamento realizado pela Conab em 2016 com as informações do terceiro levantamento, a redução na produção de *C. canephora* no Espírito Santo foi de 30,10%. Na Bahia, estimou-se uma redução de 55,00%, refletindo diretamente a interferência dos problemas meteorológicos. Simulando o impacto nos custos de produção nos municípios de Jaguaré (ES) e Itabela (BA), analisado pelo Projeto Campo Futuro, a redução na produtividade das propriedades modais (típicas) gerou uma deseconomia de escala.

Segundo a Conab, na Bahia (região do Atlântico), “com a colheita finalizada, verificou-se que devido à estiagem ocorrida durante o ciclo da lavoura, o desenvolvimento do grão foi afetado e não favoreceu o rendimento no beneficiamento. Houve a necessidade de um maior volume de frutos/grãos para produzir uma saca de café beneficiado”. Assim, a maior parte dos

indicadores do processo produtivo foi mantida constante, inclusive a colheita e apenas os custos indiretos relacionados à pós-colheita foram reduzidos de acordo com a estimativa de queda na produção.

No Espírito Santo, a Conab salientou que “a seca e má distribuição de chuvas por dois anos consecutivos nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, interferiram no número e época das floradas, na fertilização das flores, no número e no desenvolvimento dos frutos, provocou a queda de folhas e de frutos em crescimento e prejudicou o desenvolvimento e vigor da planta. A falta de água nos mananciais (córregos, rios, represas), associada à normativa de proibição de irrigação durante o dia por falta de água em todo o estado, comprometeu a irrigação de 70% das lavouras do estado que são irrigadas. A escassez hídrica provocou a redução de adubações, prejudicou os tratamentos culturais,

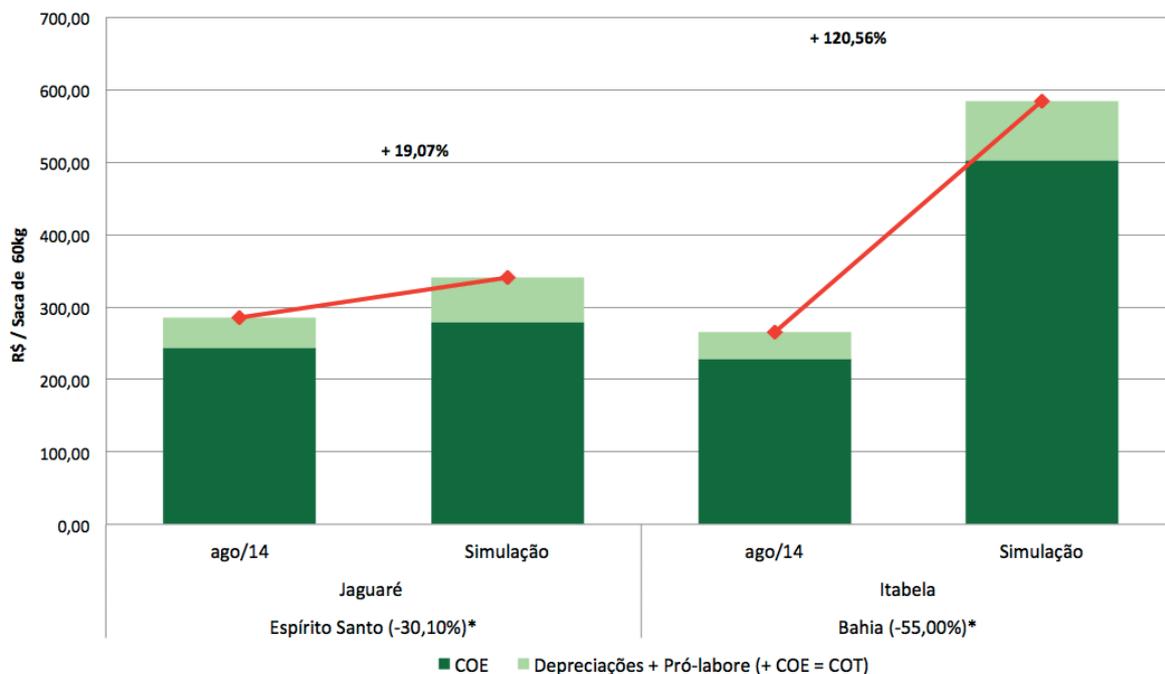
promoveu maior incidência de ácaros vermelhos, cochonilha da roseta e broca das hastes”. Em função do comprometimento da irrigação, considerou-se na simulação uma redução de 70% da adubação em Jaguaré (ES). E neste caso, os indicadores de colheita se reduziram

proporcionalmente à queda na produtividade.

Considerando a produção plena na safra atual, o Custo Operacional Total (COT) em agosto deste ano foi de R\$ 285,93/saca em Jaguaré (ES), e de R\$ 265,19/saca em

Itabela (BA). Na simulação de redução na produção, esses custos ficaram 19,07% maiores na produção capixaba e 120,56% maiores na produção baiana, elevando o COT desses municípios para R\$ 340,46/saca e R\$ 584,90/saca. Os dados estão apresentados no Gráfico 3.

Gráfico 3: Impactos da redução na produção da safra 2015/2016 sobre o COT da cafeicultura em Jaguaré (ES) e Itabela (BA)



*Estimativa de redução na produção entre o 1º e 3º Levantamento de Safra da Conab

Fonte: Projeto Campo Futuro | Dados de produção: Conab | Elaboração: CIM/UFLA

Rentabilidade média da cafeicultura em Luís Eduardo Magalhães (BA) é de 18,18% ao ano

A situação econômico-financeira da produção de *Coffea arabica* entre abril/16 e agosto/16 foi positiva. A média ponderada da remuneração do capital investido, ou rentabilidade, foi de 5,37% nos municípios que compõem o Projeto Campo Futuro. No período analisado, a rentabilidade média em Luís Eduardo Magalhães (BA) foi de 18,18% ao ano (a.a.), o maior retorno observado. Já em Guaxupé (MG) a rentabilidade foi de 1,98% a.a.. Apucarana (PR) foi o único município onde a cafeicultura não apresentou rentabilidade, como se observa no Gráfico 4.

Na safra 2015/2016, observou-se aumento no índice de produtividade na maioria

das regiões analisadas, o que foi decisivo para este resultado. A permanência dos preços em patamares superiores aos observados em safras passadas estimulou os cafeicultores a intensificarem os tratamentos culturais e demais atividades no manejo das lavouras.

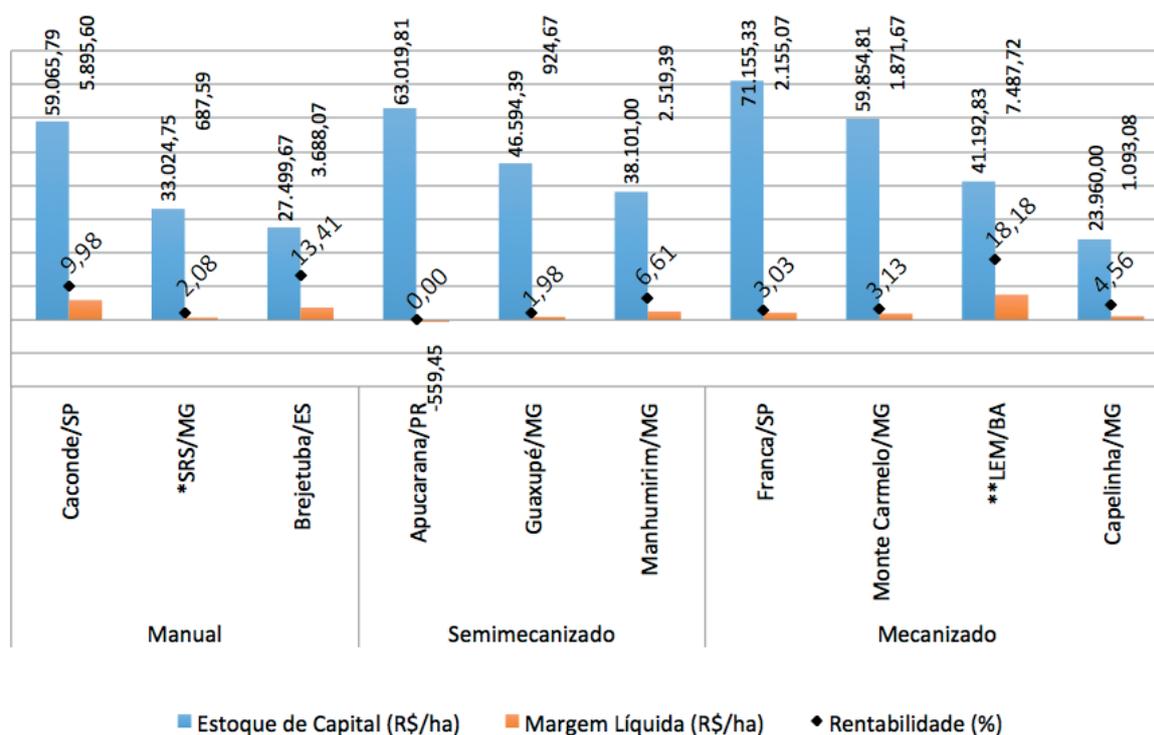
As condições meteorológicas adequadas nos principais cinturões de *C. arabica*, durante parte crucial do período fenológico, favoreceram sua produção, diferentemente do que foi observado nas áreas de *Coffea canephora* (Conilon). As intempéries recorrentes que acometeram a produção de Conilon no Espírito Santo e Bahia influenciaram drasticamente

os resultados da espécie.

Com a menor oferta de Conilon no mercado interno e com a taxa de câmbio favorável aos principais produtos da pauta de exportações brasileira, os preços do *C. arabica* se mantiveram elevados, influenciando positivamente sua rentabilidade atual.

A remuneração do capital investido, indicador econômico considerado nesta análise, corresponde ao percentual que a Margem Líquida (ML)³ representa sobre o valor médio do investimento em lavouras, máquinas, implementos, benfeitorias, equipamentos para irrigação e o valor da terra.

Gráfico 4: Estoque de Capital, Margem Líquida e Rentabilidade da cafeicultura entre abril/16 e agosto/16



Fonte: Projeto Campo Futuro *Santa Rita do Sapucaí/MG; **Luís Eduardo Magalhães/BA | Elaboração: CIM/UFLA

Cotações do *Coffea canephora* brasileiro subiram mais do que nos países concorrentes

O Bureau de Inteligência Competitiva do Café (www.icafebr.com.br) analisou o comportamento das cotações do *Coffea canephora* nos principais países produtores. Foram consideradas as cotações na origem, *Free on board* (FOB), para Vietnã, Brasil, Indonésia e Uganda. Observa-se, pelo Gráfico 5, que o comportamento das cotações foi semelhante entre as diferentes origens.

As cotações foram obtidas na plataforma Commodity3, em Euros por tonelada. Procedeu-se com a elaboração das médias mensais das cotações (FOB) de cada país para o período em questão e, posteriormente, sua conversão para re-

ais por saca de 60 quilogramas. A taxa de câmbio foi obtida no sistema do Banco Central do Brasil e convertida em médias mensais.

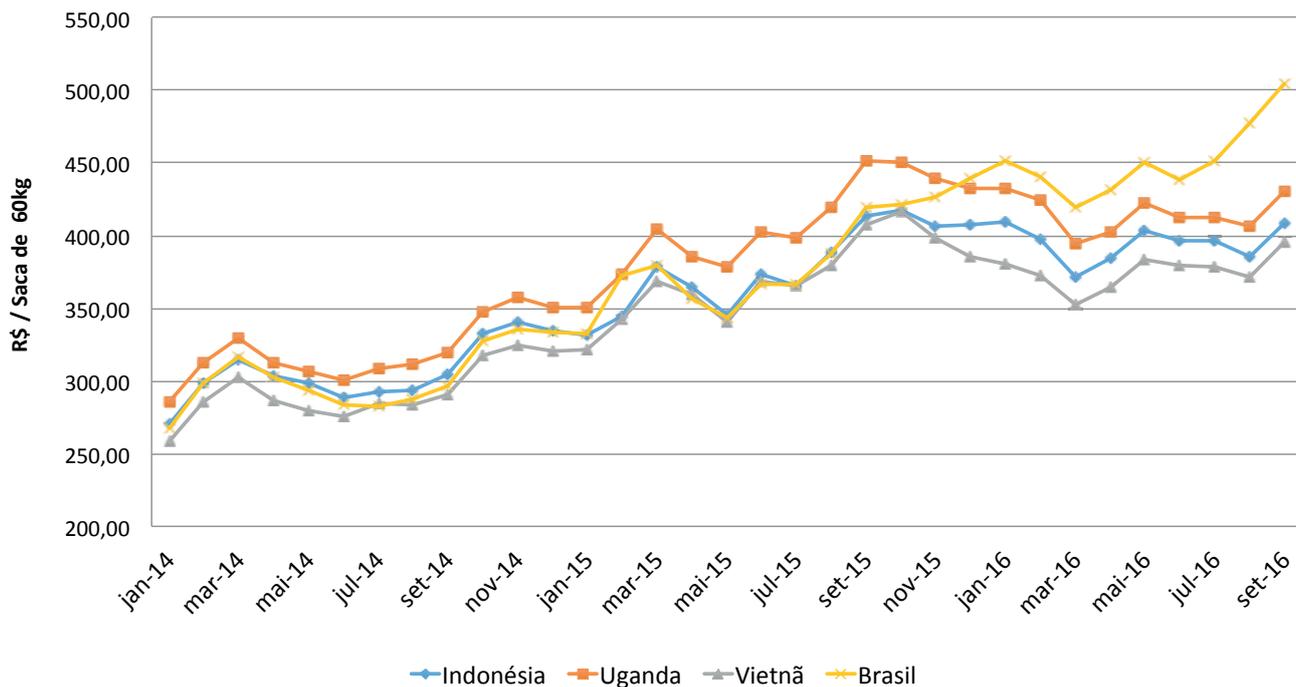
Existe uma correlação entre as cotações do *C. canephora* nas quatro origens analisadas. Até novembro de 2015, a cotação no Brasil permaneceu abaixo dos valores praticados por Uganda e próximo ao negociado no Vietnã e Indonésia. A partir de dezembro do mesmo ano, houve um descolamento em relação às cotações dos demais países.

Naquele mês, as cotações dos concorrentes iniciaram tendência de queda em

comparação com novembro, mas a cotação do café brasileiro continuou em alta. Desde então, as cotações do *C. canephora* brasileiro permaneceram em patamar superior ao dos demais concorrentes. Além disso, houve um alargamento do diferencial em relação ao Vietnã (maior produtor desta espécie), que passou de R\$ 8,66/saca em janeiro/14 para R\$ 109,43 em setembro/16.

Foi constatada uma redução na oferta devido aos problemas meteorológicos nas principais regiões produtoras desta espécie no Brasil, explicando o comportamento das cotações. 🌱

Gráfico 5: Cotação do *Coffea canephora*, FOB na origem



Fonte: Commodity3 | Elaboração: CIM/UFLA